

GT 8 – Pensamento Social e Político Brasileiro

A SOCIOLOGIA E OS SOCIOLOGOS

Um estudo sobre pensamento, papel e profissão na Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

SOCIOLOGY AND SOCIOLOGISTS

A Study on Thought, Role, and Profession at the São Paulo School of Sociology and Politics.

Augusto Moura Fossatti¹

RESUMO

Este artigo, produzido através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, pretende discutir a sociologia e os sociólogos a partir de um diálogo entre a literatura canônica da disciplina e a perspectiva contemporânea de professores e alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, visando contribuir para o processo de desenvolvimento da autocompreensão e da autoconsciência sociológica, temas centrais na sociologia da sociologia e sociologia do conhecimento. Além disso, busca problematizar as diferentes maneiras de concepção da sociologia e do sociólogo em uma das instituições mais tradicionais na história da disciplina no país, cuja trajetória está interligada diretamente com a construção da ideia e identidade sociológicas brasileiras. Para tal, realizou-se uma revisão bibliográfica da produção histórica da sociologia nacional e internacional acerca das principais questões discutidas e, a partir disso, mobilizou-se categorias ideais-típicas para a construção e análise das entrevistas. Finalmente, refletiu-se acerca dos resultados obtidos através da comparação das entrevistas com a discussão teórica revisada e a história da instituição e da disciplina.
Palavras-chave: Sociologia; Sociólogos; Ciência; Profissão; FESPSP.

¹ (FESPSP, augusto.fossatti@gmail.com) - Graduando do curso de Sociologia e Política da FESPSP. atendimento@fespsp.org.br

ABSTRACT

This article, produced through the Institutional Program of Undergraduate Research Scholarships, aims to discuss sociology and sociologists by establishing a dialogue between the discipline's traditional literature and the contemporary perspectives of professors and students at the São Paulo School of Sociology and Politics. The objective is to contribute to the development of sociological self-understanding and self-awareness, central themes in the sociology of sociology and the sociology of knowledge. Furthermore, the article seeks to problematize the different ways in which sociology and the sociologist are conceived within one of the most traditional institutions in the history of the discipline in Brazil, whose trajectory is directly intertwined with the construction of Brazilian sociological identity and thought. To this end, a literature review of the historical national and international sociological production on the main issues addressed was conducted, and ideal-typical categories were mobilized for the construction and analysis of the interviews. Finally, the study reflects on the results obtained by comparing the interviews with the reviewed theoretical discussion and with the history of the institution and of the discipline itself.

Keywords: Sociology; Sociologists; Science; Profession; FESPSP.

Data de envio do artigo:

05/12/2025

1 INTRODUÇÃO

Tudo quanto posso dizer é que tentei ser fiel a uma tradição central que remonta aos clássicos do assunto e que acredito profundamente que essa tradição ainda seja válida.
(Peter L. Berger)

Escrita pela primeira vez em um caderno privado do político francês Emanuel Joseph Sieyès, popularizada posteriormente na Lição 47 do Curso de Filosofia Positiva de Auguste Comte, (Comte, 1839; Guilhaumou, 2006), a palavra “sociologia” foi, desde os primórdios da disciplina, um termo em disputa, não apenas por definição semântica, mas antes por uma constante tentativa de determinação ou ao menos de circunscrição do papel e do conjunto de atividades referidas por ela. Engana-se quem conclui, por conta disso, que a “ideia” de sociologia não implicasse, desde sempre, seja em sua fase pré-universitária, seja durante o período de institucionalização, um duplo projeto unificado: compreender e transformar a sociedade; compreender, portanto, para transformar (Eufrásio, 1995; Muchielli, 2001; Cancian, 2021).

O que aqui chamaremos de associação fundante, compreender-transformar (que poderia ser categorizada de diversas outras maneiras: entender-modificar, explicar-interferir, teorizar-aplicar etc.), será central para a metateórica sociológica e a práxis que se desenvolverá ao longo da tradição de toda a disciplina em diferentes escolas e países, discutida desde a “fundação”² com Durkheim (“As Regras do Método Sociológico”, 1895, “O Suicídio”, 1897); Weber (“A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais”, 1904, “Ciência e política: duas vocações”, 1919, “Economia e Sociedade”, 1921); e Simmel (“Questões Fundamentais de Sociologia”, 1917), assim como por outros pensadores que darão continuidade à mesma temática e que por vezes se unirão à filosofia marxista de transformação radical da realidade capitalista (Viana, 2014). Alguns dos principais sociólogos que teorizaram em seus textos acerca dessa associação fundante na fase pós-institucionalização generalizada da disciplina foram: Adorno e Horkheimer (“Temas Básicos de Sociologia”, 1956); Wright Mills (“A Imaginação Sociológica”, 1959); Berger (“Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística”,

² Tratamos aqui a “fundação” como mito, sem diminuir sua importância. O trio “Marx, Weber e Durkheim” só passa a ser amplamente reconhecido como “três fundadores” a partir de um esforço posterior de autores como Anthony Giddens e Florestan Fernandes, apontam Botelho e Brasil Jr. (2020).

1963), e Bourdieu (“Ofício de Sociólogo”, 1968, “Questões de Sociologia”, 1980). No Brasil, o nome de maior destaque foi, sem dúvida, Florestan Fernandes (“Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada”, 1960, “A Sociologia numa Era de Revolução Social”, 1963, “Elementos de Sociologia Teórica”, 1970, “A Sociologia no Brasil”, 1977, e “A Natureza Sociológica da Sociologia”, 1980), seguido por seu aluno, Octavio Ianni (“Sociologia da Sociologia”, 1989).

Cabe aqui, brevemente, uma subclassificação mais precisa de nossa associação fundante, pois há mais de um modo de “compreensão” e de “transformação” nas correntes sociológicas a serem discutidas. No que tange ao eixo da “compreensão”, há autores com perspectivas mais descritivas da realidade, sem proposições de mudanças práticas e diretas em suas obras, cuja delimitação entre ciência e política é muito clara (Weber, 2016). Outros estão mais engajados em propor grandes transformações sociais dentro da ordem vigente a partir do conhecimento científico, mas ainda separando com clareza o papel da ciência e da ação política como duas etapas distintas de uma mesmo processo (Durkheim, 2018). Tudo isso pode ser realizado ainda a nível de “compreensão”, porquanto propor transformações de modo teórico não resulta necessariamente em intervenção direta. Quando analisamos o lado da transformação, vale também desambiguar o que devemos entender com isso: pode referir-se à mudanças profundas na sociedade, em sentido marxista, com horizonte para o fim do modo de produção capitalista, utilizando a sociologia para intervir politicamente na realidade social, como sociologia engajada (Fernandes, 1978), mas também pode significar interferência racional para a solução de problemas sociais específicos e delimitados, denominada comumente como “aplicada” e muito presente nas primeiras escolas estadunidenses de sociologia, das quais trataremos agora.

A despeito de sua inquestionável função heurística e veracidade parcial, o mito de criação da sociologia mais difundido, tendo Marx, Durkheim e Weber como “pais fundadores”, tanto das elaborações teóricas e metateóricas — associadas à sociologia do conhecimento e métodos históricos marxistas e weberianos —, como da práxis de pesquisa — relacionados aos estudos empíricos durkheimianos — camufla, por vezes, uma segunda tradição muito cara para o desenvolvimento das concepções de sociologia no Brasil e que, para fins deste estudo, torna-se ainda mais essencial: a tradição estadunidense. Os outros “pais fundadores”, os norte-americanos Albion Small (1874-1926), Charles Cooley (1864-1929), Thorsten Veblen (1857-1929), Robert Park (1864-1944), William Thomas (1863-1947), Ernest Burgess (1886-1966) etc., foram em parte contemporâneos dos reconhecidos “grandes clássicos” da sociologia e estavam, ao mesmo tempo, iniciando os estudos sociológicos do outro lado do atlântico, não só

de maneira muito própria, como original. Levanta-se aqui a tradição estadunidense por dois motivos principais: o primeiro porque pode ser considerada, de alguma maneira, um contrapeso na balança da associação fundante compreender-transformar, que pendia, na Europa da mesma época, para a compreensão, e o segundo, pela relação que teve com a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Nos Estados Unidos, a sociologia surge como ciência social aplicada vinculada a estudos empíricos com propósitos claros e direcionados. Tal inclinação esteve mais presente na chamada Escola de Chicago, embora também em Colúmbia, ambas institucionalizando suas cadeiras de sociologia ainda na década de 1890 (Eufrásio, 1995). No Brasil, principalmente em São Paulo, como veremos adiante, a institucionalização e profissionalização das ciências sociais, assim como a ideia que se construirá acerca da sociologia e do sociólogo, seu papel e perfil, será marcada pelo encontro de duas tradições que podem ser vistas sintetizadas na figura de Florestan Fernandes (1920-1995), expoente expressivo de nossa associação fundante a partir de sua dupla relação com a tradição teórica-especulativa da Universidade de São Paulo, voltada principalmente para a tradição europeia, e os métodos e modelos de pesquisa empírica e aplicada praticados pela Escola Livre de Sociologia e Política — atual Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo — oriundos, em parte considerável, da sociologia estadunidense, em especial das universidades de Colúmbia e Chicago (Miceli, 1989; Arruda, 2010).

A Escola Livre de Sociologia e Política, fundada em maio de 1933, foi a primeira escola do Brasil com direcionamento específico para a formação de sociólogos, emergindo com fortes tendências para a segunda orientação da balança compreender-transformar. Voltada essencialmente para a pesquisa aplicada, tinha como principal objetivo a criação de quadros cientificamente fundamentados para o desenvolvimento urbano através de levantamentos para políticas públicas (Kantor et al., 2009). Os sociólogos da Universidade de Colúmbia, Horace B. Davis (1898-1999) e Samuel H. Lowrie (1894-1975), foram convidados para compor o quadro de professores e trazer a tradição estadunidense de pesquisa já no primeiro ano de funcionamento da instituição, papel assumido em 1939 por Donald Pierson, da Universidade de Chicago, que sob indicação de Robert Park veio ao Brasil estudar as relações raciais e escreveu seu doutorado *Negroes in Brazil: a study of race contact in Bahia*, defendido em 1942. Neste ano, Pierson também inaugurava, na Escola Livre de Sociologia e Política, o primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais do Brasil, tendo entre os primeiros pós-graduados Oracy Nogueira e Florestan Fernandes.

Após a inauguração da Universidade de São Paulo em 1934, duas tradições sociológicas distintas permaneceram lado a lado durante as próximas décadas, como já apontado acima, uma sendo mais teórica e a outra mais prática. É possível dizer que, por um momento, principalmente na década de 1940 e início dos anos 1950, as duas escolas se complementavam em formação para aqueles que buscavam uma fundamentação teórica profunda em combinação com técnicas modernas de pesquisa (Miceli, 1989). Com a realização da pós-graduação de Florestan Fernandes na ESLP em 1947, seu “doutoramento livre” em 1951 e sua livre docência em 1953, as coisas começaram a mudar. Com a partida de Roger Bastide para a França em 1954, Florestan Fernandes assume como regente a cadeira de Sociologia I da USP, dando início ao círculo de pesquisadores da chamada “Escola da USP” de sociologia.

Já em 1952, com a saída de Donald Pierson da ESP³, os financiamentos internacionais que a escola recebia desde 1939 se encerraram. A crescente importância da pesquisa que o grupo em volta de Florestan Fernandes tomava começava a mudar o direcionamento do olhar da sociologia no país para temas como o conflito de classes, desigualdade, subdesenvolvimento, ou seja, aspectos estruturais da sociedade brasileira, em detrimento dos estudos de comunidade com enfoque empírico de intervenção prática e direta inspirados nos estudos da Escola de Chicago. Tal mudança viria a se consolidar na década de 60, quando Florestan Fernandes então assume oficialmente a cátedra da Cadeira I de Sociologia da USP e passa a ser o nome mais importante da disciplina no país, tendo orientado diretamente alunos como Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Heleieth Saffioti e muitos outros (Miceli, 1989; Vila Nova, 1998).

Com o golpe de 1964 e seu agravamento em 1968, a sociologia brasileira entra em crise, tanto com a cassação de professores como com certo controle de seu exercício profissional. Entretanto, após as reformas do ensino superior em 1969, a expansão da institucionalização dos cursos de sociologia no país aumenta consideravelmente, inclusive com a regulamentação das pós-graduações, gerando uma crescente demanda por esse tipo de formação (Liedke Filho, 2005). Na segunda metade da década de 1970, o departamento de sociologia da USP começa a se recuperar, voltando-se aos poucos e novamente para a tradição fernandesiana. Já a FESP, por sua vez, passa a ter problemas de justificação e financiamento, principalmente com os estudos de comunidade perdendo tanto sua motivação política/econômica como científica/ideológica, com a consolidação mais completa do paradigma uspiano na sociologia paulista. Tais considerações explicam em parte as dificuldades que a escola enfrentou entre as décadas de

³ Em 1945 a ELSL se torna ESP, e em 1967 chega a seu nome atual: FESPSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

1970 e os anos 2000, quando enfim passou a se recuperar, segundo ex-diretor Waltercio Zanvettor⁴, fornecendo pesquisas, diagnósticos e planos de políticas públicas para Estados, municípios e empresas privadas.

A breve recuperação histórica realizada acima nos traz ao objeto central deste estudo: o atual pensamento sociológico de professores e alunos da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo em diálogo com a tradição canônica da disciplina e com a história da própria instituição, isso em conexão com a associação fundante compreender-transformar que tende a aparecer como ponto de tensão das inclinações teórico-metodológicas e nas opiniões sobre papel, identidade e profissão do sociólogo. O objetivo deste trabalho, portanto, é refletir acerca de como o profissional ou futuro profissional da sociologia entende a sociologia em relação a realidade que se apresenta atualmente, tendo em vista discutir aspectos que interessam diretamente aos cientistas sociais em geral, como por exemplo: o papel e a identidade do sociólogo; a função da sociologia; e os desafios que a área atravessa na contemporaneidade.

2 METODOLOGIA

2.1 Motivação Geral e Delimitação Específica

Este trabalho partiu de reflexões que podem ser resumidas por duas indagações gerais: “o que é o sociólogo” e “o que é a sociologia”. Intenta-se aqui, antes de tudo, as indagar não necessariamente para as responder, mas para adentrar posteriormente em questões mais específicas, tais como, “qual o papel do sociólogo”, “quais são os tipos de sociologia” e “como é ser sociólogo na prática”. Buscou-se, através dessas indagações basais, delimitar como, quando e a partir de onde deveríamos discuti-las, criar hipóteses e talvez respondê-las. Elegeu-se como objeto específico e fonte principal para a nossa discussão o atual pensamento sociológico e de professores e alunos da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Dois foram os motivos principais que guiaram a nossa escolha; em primeiro lugar, a conveniência para o pesquisador que, como membro do corpo discente da instituição, possui acesso facilitado às entrevistas, bibliografia específica e observação; em segundo lugar, a importância histórica da instituição para a institucionalização das ciências sociais no Brasil e

⁴ Em entrevista concedida para a matéria do Estadão: “Primeiro curso de Sociologia do Brasil completa 80 anos”, de Carlos Eduardo Entini (2013), disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/primeiro-curso-de-sociologia-do-pais-completa-80-anos/>, acesso: jul. 2025.

para a construção da ideia de sociologia e de sociólogo no país, em suma, sua centralidade na discussão que aqui nos propomos a realizar.

2.2 Descrição das Etapas da Pesquisa

A pesquisa foi dividida em três etapas, tendo sido a primeira dividida em duas fases: a) partindo de uma revisão acerca das principais elaborações realizadas por sociólogos ao longo da história da disciplina, buscamos referências que pudessem ser sintetizadas em categorias e usadas como ferramentas de análise úteis a compreensão de nossas questões e suas possíveis respostas, principalmente através de autores que dedicaram parte de suas obras a tentar respondê-las nas distintas vertentes sociológicas: estruturais-funcionalistas (Durkheim, 2022), interacionistas (Berger, 1986; Berger e Luckmann, 2014; Dubar, 2005; Goffman, 2014; Simmel, 2006; Weber, 2000, 2007, 2016) e de inclinações marxistas (Fernandes, 1960, 1977; Bourdieu, 2007a, 2007b, 2010, 2015, 2019; Burawoy, 2017; Viana, 2014), além de fontes secundárias de análise histórica das correntes sociológicas gerais ou específicas (Aron, 2008; Eriksen, 2007; Giddens, 2001; Haguette, 2013; Sell, 2012; Vila Nova, 1998) sobre aspectos que deveriam ser abordados durante a entrevista: o papel do sociólogo, função da sociologia, função da sociologia em países assim chamados “periféricos”, mercado de trabalho, convergências e divergências da formação sociológica com o mercado de trabalho, possibilidades do uso da formação sociológica nos mercados propriamente ditos sociológicos e demais setores, questões epistemológicas acerca das diferenças entre conhecimento científico e conhecimento comum, problemas que a ciência e a sociologia enfrentam na modernidade, instrumentalização do conhecimento científico e/ou sociológico, formação em sociologia, e, por fim, o diálogo entre universidade, mercado de trabalho e sociedade. Fase b) a elaboração de um tópico-guia adequado às categorias formuladas a partir da revisão teórica para a realização de entrevistas com professores e alunos de sociologia da instituição estudada, visando identificar as inspirações e motivações que constituem parte das atuais perspectivas sociológicas da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Na segunda etapa, nosso critério de seleção de professores a serem entrevistados foi o de que cumprissem a condição de estarem vinculados a pelo menos uma disciplina exclusivamente sociológica, excluindo outros docentes do curso dedicados somente às ciências políticas, antropologia, economia política, psicologia social, metodologia de pesquisa etc., tendo em vista que nosso propósito foi discutir a sociologia e o sociólogo de maneira mais

específica. Selecionamos quatro nomes de professores da graduação e um da pós-graduação, todos aqui tratados como anônimos por conta da possível exposição. Quanto aos alunos, eles foram selecionados primeiramente pela demonstração de interesse em conceder a entrevista, com a condição de que fossem apenas um de cada ano do curso a partir do 3º semestre e que autodeclarassem alguma inclinação para seguir carreira no campo da sociologia. Selecionamos, por fim, um aluno para cada semestre (3º, 5º e 7º), sendo que, à exceção dos calouros (excluídos por não terem tido contato suficiente com as teorias sociológicas), estas representavam a totalidade de turmas disponíveis durante a primeira metade de 2025 — os alunos também não serão identificados.

Na terceira etapa, utilizamos as categorias, conclusões e elaborações da revisão bibliográfica para uma análise das entrevistas. Sintetizando a revisão bibliográfica, apresentamos abaixo uma lista das formulações elaboradas a partir dos textos estudados, partindo das mais gerais para as mais específicas, com as quais trabalhamos durante a análise das entrevistas com propósito comparativo e reflexivo: 1 - há só uma sociologia, uma ciência baseada em um acordo epistemológico a partir da teoria do conhecimento do social, ela se difere das teorias particulares do social elaboradas por cada autor à sua maneira, que seriam suas metodologias e teorizações próprias acerca do social, mas não a sociologia em si (Bourdieu, Chamboredon, Passeron, 2007); 2 - embora haja só uma sociologia, há na sociologia uma pluralidade de perspectivas que a impede de se encaixar completamente nas noções de “ciência normal” da epistemologia kuhniana, mas a sociologia só pode trabalhar a partir dessa diversidade que é, de fato, sua “normalidade” produtiva, porquanto o predomínio paradigmático de uma perspectiva sociológica única afeta a normalidade do fazer sociológico, nos levando a concluir que a sociologia pode não ser uma “ciência normal” (Boudon, 1995). 3 - a sociologia da sociologia é pré-condição para a sociologia científica, “não é uma especialidade entre outras, mas uma das condições primeiras [...]”, não é um metadiscurso que transcende a prática, mas que transforma a prática em si (Bourdieu, 2019), da mesma forma, a sociologia do conhecimento não surge como especialização da sociologia, mas junto dela como forma de autocompreensão (Bertelli; Palmeira; Velho, 1967); 4 - a sociologia pode e deve ser usada para transformar a sociedade, mas o fazer sociológico é uma etapa específica de produção do conhecimento que não pode ser confundida ou reduzida a sua aplicação em si, esta cabe ao ator social como político, ativista ou técnico, não mais ao sociólogo em seu ofício e exercício específicos (Berger, 1986; Weber, 2017; Durkheim, 2022); 5 – na sociologia produzida em países periféricos, será preciso um tipo de vigilância sobre a vigilância lógica-racional que

levante questões como: “qual o tipo de conhecimento que queremos e precisamos?”, “quem mais se beneficia com o conhecimento científico que estamos produzindo?”, “para que esse conhecimento está sendo usado?”, pois no mundo de profundas desigualdades estruturais, o papel do sociólogo se transforma e as respostas para essas perguntas devem interessar ao cientista de alguma maneira, não por serem científicas em si, já que não o são, mas por demonstrarem a impossibilidade de neutralidade geral da ação social, sendo ela científica ou não, ou seja, deve-se atentar para o fato de que as perguntas feitas ao mundo da investigação científica já pressupõem tomadas de posição política (Fernandes, 1960; Haguette, 2013); 6 – o exercício sociológico pode ser separado em diversos tipos, etapas, fases, mediante distintas classificações — para o propósito deste trabalho e aumento de nossa capacidade heurística, decidimos fazer uso dos seguintes conjuntos de categorias: a) sociologia profissional, sociologia crítica, sociologia pública, sociologia “aplicada” (Burawoy, 2005); b) sociologia da compreensão, sociologia da denúncia, sociologia da ação (Haguette, 2013); c) sociologia retórica-doutrinária, sociologia humanística, sociologia pragmática, sociologia messiânica (Vila Nova, 1998); d) sociologia sistemática, sociologia descritiva, sociologia aplicada, sociologia geral (Fernandes, 1960); e) sociologia empírica, sociologia de consultoria (Tanguy, 2012). Essas definições foram destacadas principalmente por sintetizarem muitas das formulações gerais não nomeadas por outros sociólogos que refletiram e produziram sobre o papel de sociólogo e os tipos de sociologia sem necessariamente definirem categorias claras.

Na segunda parte da revisão bibliográfica, voltada a construção do tópico-guia a ser utilizado durante as entrevistas com professores e alunos da instituição, prevaleceram às seguintes conclusões: 1º - a cosmovisão do sociólogo antecede a formação de sua sociologia (Vila Nova, 1998; Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007; Haguette, 2013); 2º - o papel social esperado de um agente por seu entorno exerce grande influência em sua forma de perceber e agir no mundo (Goffman, 2014; Mead, 2021); 3º - a educação e a profissionalização são partes importantes da constituição da identidade social (Dubar, 1997; Berger; Luckmann, 2014). Partindo daí, essas conclusões levaram a construção de quatro diferentes baterias de perguntas, assim organizadas: da primeira conclusão: “cosmovisão, ciência e epistemologia”, “papel do sociólogo a sociedade moderna”; da segunda conclusão: “expectativas e perspectivas de trabalho”; da terceira conclusão: “a identidade sociológica”.

Finalmente, com essas baterias temáticas, foram elaboradas 32 questões distribuídas respectivamente e utilizadas para a realização da etapa seguinte. Quando finalizadas as entrevistas, elas foram analisadas a partir das categorias anteriormente citadas e comparadas

em diálogo reflexivo com as formulações encontradas sobre o tema na tradição sociológica de maior visibilidade e especializada. Deste último processo, a partir da análise reflexiva e comparativa, surgem as reflexões elaboradas no capítulo 3, a partir da problematização e detalhamento das questões já levantadas aqui e na introdução.

3 ALGUNS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA SOCIOLOGIA

Nossa investigação dá continuidade a um problema comum em toda a história das ideias sociológicas. Tal discussão remonta, como mencionado acima, aos clássicos, ainda em suas primeiras definições acerca do papel do sociólogo e da sociologia, seus objetos, objetivos, delimitações e possibilidades. Embora não sejam o objeto principal da ciência sociológica, essas questões metateóricas jamais deixaram de ser discutidas por qualquer um que tenha se deparado com as “crises de identidade ocupacional” relacionadas à essa área do conhecimento. Veremos adiante como professores e alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo lidam com algumas dessas questões e como mantêm contato com as diferentes tradições da disciplina.

3.1 Cosmvisão e Ciência, Tensão Original.

Começamos com a visão de mundo e a forma de perceber a realidade social, partindo da premissa de que os valores e as ideias fundamentais sobre a vida antecedem as epistemologias e metodologias a serem utilizadas (Haguette, 2013), tal como “o paradigma adotado funciona antes como instrumento de racionalização e reforço da identidade” (Vila Nova, 1998). Em suma, a forma como o sociólogo percebe a sociedade é que o leva a se unir as teorias correspondentes e a enxergar a ciência de determinada maneira.

Quando perguntados sobre o que pensam a respeito da sociedade em que vivem, os professores responderam⁵: a) “é uma sociedade injusta que justifica sua desigualdade através de elementos ideológicos”; b) “um sistema que, por natureza, gera desigualdade de renda”; c) “o capitalismo, ele vai formando umas sociedades extremamente injustas, acho que a questão principal do capitalismo é a desigualdade”; d) “destruição criativa, o tempo todo, as coisas se destruindo e sendo criadas coisas novas por cima, é, coisa assim que foi bastante bem sintetizada naquela frase, de tudo que é sólido se desmancha no ar”. Os alunos se mantiveram

⁵ Aqui serão transcritas somente recortes mais diretos e contundentes das respostas dadas. Nem todos os professores conseguiram responder todas as perguntas por conta do tempo de entrevista. A ordem das letras “a”, “b”, “c” etc., será sempre alterada, não correspondendo ao mesmo respondente.

próximos: a) “eu diria que a sociedade atual, vive de forma transformativa, que se transforma, que muda muito rápido”; b) “bom, bem complicado, bem complicado [...] são as desigualdades, não é?”; c) “odeio, mas o que eu penso sobre ela? [...] eu tento lidar como mais um sistema econômico que tem os seus problemas e que tem que ser superado”.

Somadas todas as entrevistas, a palavra “desigualdade” ou “desigual” aparece 28 vezes, ausente em apenas duas entrevistas, enquanto a palavra “injusto(a)” ou “Injustiça” aparece 7. Isso nos permite dizer que entre os entrevistados há uma relação *desigualdade-injustiça* que poderia definir a sociedade em que vivemos. Essa visão vai ao encontro das respostas em relação a qual escola ou autores do pensamento sociológico os professores mais se identificavam. Neste caso, quatro dos cinco citaram Karl Marx (1818-1883) entre os principais, dois deles como base fundamental de seu pensamento, um como inspiração ao longo da vida e outro como parte importante entre seu grupo de referências clássicas: a) “eu gosto muito do Marx, dos anarquistas, dos frankfurtianos...”; b) “Eu trabalho com Marx, com Durkheim e o Weber, os clássicos também me ajudam sempre”; c) “minha visão é bastante moldada, assim, por essa visão social-construtivista, antes eu gostava muito do Negri, por exemplo, Antônio Negri, que juntava Marx com Foucault”; d) “para além do marxismo, pensando do ponto de vista relativamente mais contemporâneo, gosto muito de autores como Bourdieu”. Apenas um se declarou weberiano e interacionista: e) “eu particularmente me vejo como uma pessoa weberiana, então gosto muito do pensamento do Weber, e aí, do Simmel, também”. Enquanto isso, Durkheim sequer foi lembrado pela maioria, e quando o professor (e) o cita logo após a frase acima, é para dizer que outras escolas são dignas de respeito. Somente o professor (b) faz menção real ao “fundador” como parte de sua reflexão cotidiana.

Os alunos, por outro lado — e de modo algum os entrevistados podem ser tomados como representantes do corpo discente, aliás, minha hipótese seria a contrária — identificam-se bastante com a sociologia durkheimiana: a) “me veio o Durkheim, porque eu lembro da primeira vez que eu li e eu falei, cara, isso daqui é o que diferencia, ele conseguiu sintetizar o que diferencia a sociologia das outras ciências”; b) “para mim, o Émile Durkheim foi uma espécie de leitura de mundo, assim, bem estonteante. [...] é um sociólogo, um intelectual de praxe para você entender a sociedade”; c) “Eu acho que a escola durkheimiana ainda me pega um pouquinho mais, mas pode ser que eu mude, não sei”. Uma hipótese para essa identificação com a sociologia durkheimiana por parte de alguns alunos inclinados à sociologia seria sua definição e circunscrição mais claras do campo sociológico e suas explicações logicamente coerentes do fato social, ambos pontos que talvez ajudem o jovem formando, especialmente o

não marxista, que não vê na sociologia apenas uma atividade política, a identificar e definir seu ofício, em suma, a saber o que está fazendo ali caso não esteja mobilizando a sociologia somente como forma de ativismo.

Sobre essa inclinação a Marx por parte dos professores, ela é mais importante para o nosso trabalho. Trata-se de uma fundamentação sociológica, portanto, em noções marxistas, embora sem a postura radical e exclusiva de se manter limitado somente aos preceitos e conclusões dessa teoria para a compreensão da realidade: “temos base no pensamento marxista”, diz um dos professores, “aliás, no pensamento marxiano, o que não significa que sejamos marxistas de fato”.

Essa postura pode ser rastreada como parte da tradição sociológica construída no Brasil e, especialmente em São Paulo, por Florestan Fernandes (Arruda, 2010). Sua figura é central nesse debate por ter sido quem “fundou” a chamada sociologia crítica no país (Ianni, 1989), além de demonstrar “pioneirismo na definição de uma tríade de autores clássicos para a sociologia” (Botelho; Brasil Jr., 2020). Foi ele quem, portanto, trouxe o marxismo para a centralidade do fazer sociológico brasileiro e o sugeriu junto a ideia dos “três porquinhos”. Com Marx na base do pensamento de parte considerável dos professores de sociologia da instituição — repito, não de maneira radical, mas como base — presumimos que parte de suas inclinações estejam direcionadas de alguma forma para a *transformação* social em um sentido anticapitalista, ao menos um anticapitalismo *laissez-faire*, o que explica a grande recorrência das palavras “desigualdade” e “injustiça” em suas falas.

Não decorre disso, de maneira alguma, que os professores de sociologia da instituição sejam “revolucionários comunistas”, como o senso comum geralmente enxerga os cientistas sociais, pelo menos não no sentido comum do ativista político revolucionário, vejamos o que dizem: a) “boa parte do pensamento sociológico ficou inspirado em uma ideia de que só é possível melhorar a sociedade a partir de uma revolução radical, marxista, anarquista, seja lá o que fosse, [...] isso é um paradoxo”; b) “um pouco a pergunta é, se é possível por dentro do capitalismo quebrar com essas desigualdades.”; c) “eu acho difícil a gente ter de fato uma grande filiação [...] as boas explicações não partem de um único ponto”. Nota-se aqui o início de uma tensão importante das ideias que nos é interessante explorar, pois, sendo a sociologia uma disciplina universitária e amplamente aceita como científica, algumas limitações são naturalmente impostas ao pensamento radical. Embora a tradição fernandesiana tenha batalhado para borrar essas fronteiras, nunca abdicando, fique claro, nem da seriedade científica, nem da

militância política (Ianni, 1989), elas permanecem sólidas, de alguma maneira — e esse é um, e só um, dos paradoxos sociológicos:

A sociologia tal como a conhecemos nasceu, pelo menos no caso da França, de uma contradição ou de um mal-entendido. Durkheim é aquele que fez tudo o que era necessário para tornar a sociologia uma ciência universitariamente reconhecida [...]. Em outras palavras, a sociologia é, desde a origem, na sua origem mesma, uma ciência ambígua, dupla e mascarada; que teve que desaparecer, negar-se, renegar-se como ciência política para ser aceita como ciência universitária (Bourdieu, 2019, p. 49).

A sociologia, para que se mantenha como disciplina científica, acaba aderindo a alguns pressupostos que não são tão amigáveis ao pensamento político radical. Os diferentes direcionamentos que cada escola tradicional deu a esses pressupostos não os alteram em quase nada. É comum apontar as divergências teórico-metodológicas entre as escolas da estrutura e as da ação, mas em sentido científico seus princípios acerca das possibilidades de investigação objetiva do mundo social não se eliminam. A confusão se dá porque Durkheim (2022) nos pede para adentrar o mundo social como se fosse completamente desconhecido e sem pressupostos, enquanto Weber (2016) nos diz o contrário, que tal coisa é impossível, e que são justamente os pressupostos, ou seja, a significação que damos para os fenômenos sociais que permitem o conhecimento do real. Muito peso é dado a essa distinção primária, assim como para a questão do individualismo metodológico x coletivismo metodológico, mas o ponto central que torna ambos autores sociólogos é o princípio compartilhado de que os fenômenos sociais devem ser estudados de maneira científica, e isso só pode significar, de forma geral, uma maneira distinta da crença e da política — seja por tratar os objetos de estudo como “coisas”, seja através da “neutralidade axiológica”, e embora seus objetivos finais e a forma como enxergam a “sociedade” sejam diferentes, é isso que os une.

Mas a sociologia é uma ciência? Quando perguntados, professores e alunos responderam “sim” de forma unânime — isso nos diz alguma coisa. Apenas dois deles colocaram ressalvas significativas, enquanto os outros apenas distinguiram-na das ciências da natureza. Essas ressalvas, no entanto, são de maior interesse do que as argumentações em favor da sociologia como disciplina científica, por demonstrarem parte de sua natureza problemática: “é uma ciência sempre com uma crise de identidade”, nos diz um professor, “ela pode estar relacionada com o aspecto ideológico, não no sentido daquilo o que Marx falou, mas no sentido de uma posição política”. Essa questão, como estamos vendo, é de caráter “existencial” na tradição sociológica. Trata-se da tensão entre ciência e política que de forma alguma é trivial, pelo contrário, ela é problematizada de diversas maneiras por sociólogos de grande envergadura

histórica e se relaciona diretamente com a ideia do papel que a sociologia ou a ciência social teria na sociedade:

[...] oferecemos aos atores a possibilidade de refletir sobre as consequências “não intentadas”, comparando-as com as “intentadas”, para responder à pergunta seguinte: qual é o “custo” do alcance do fim desejado em termos da perda previsível da realização de outros valores, ou em comparação a ela? Supondo que, na grande maioria dos casos, qualquer fim a que se aspire, neste sentido, “custa” alguma coisa ou “pode custar algo”, a autorreflexão dos homens que agem com responsabilidade não pode prescindir da ponderação entre fins e consequências de determinada ação. Possibilitar isto é, exatamente, uma das funções mais importantes da crítica técnica que até agora foi objeto de nossas reflexões. Mas tomar uma determinada decisão em função daquelas ponderações já não é mais tarefa possível para a ciência. Ela é própria do homem de ação: ele pondera e escolhe, entre os valores em questão, aqueles que estão de acordo com sua própria consciência e sua cosmovisão pessoal. A ciência pode proporcionar-lhe a consciência de que toda a ação, e também, de modo natural, conforme com as circunstâncias, de que toda “não-ação” implicam, no que tange às suas consequências, uma tomada de posição a favor de determinados valores, e, deste modo, em regra geral, “contra outros valores” — fato que, hoje em dia, é facilmente esquecido. Decidir-se por uma opção é exclusivamente assunto pessoal (Weber, 2016, p. 214).

Quando Weber aponta que a decisão não é mais papel da ciência, não exclui o cientista da possibilidade ou da responsabilidade de ação, nem de se comover ou de se envolver com questões sociais, mas distingue, como reitera Berger, que não o fará como cientista, e sim como cidadão: “consiste no mesmo interesse que qualquer homem deve ter acerca de suas ações na sociedade” (Berger, 1986). Essa separação da pessoa como cientista ou cidadão/agente político não é inteiramente compartilhada por Durkheim, que embora considere, tal como Weber, a compreensão e transformação da sociedade como momentos diferentes, as enxerga na chave comteana de diferentes etapas de um mesmo processo, e não de processos completamente distintos:

[...] do fato de nos propormos antes de tudo a estudar a realidade, não decorre que renunciemos a aperfeiçoá-la: estimaríamos que nossas pesquisas não mereceriam uma hora de trabalho se tivessem apenas um interesse especulativo. Se separamos com cuidado os problemas teóricos dos problemas práticos, não é para negligenciar esses últimos: é, ao contrário, para estarmos em melhores condições de resolvê-los [...] pois aqui se verá que a Ciência pode nos ajudar a encontrar o sentido no qual devemos orientar nossa conduta, a determinar o ideal para o qual tendemos de modo confuso. Mas só nos elevaremos a esse ideal depois de ter observado o real, e dele o deprendermos; seria possível proceder de outro modo? Nem mesmo os idealistas mais intemperantes podem seguir outro método, pois o ideal não repousa em nada se não estiver ligado, por suas raízes, à realidade (Durkheim, 2019, p. 42).

O problema que se coloca, porém, pode ficar obscuro, uma vez que Durkheim se refere a um processo social e não a ação do cientista em si. Se cabe ao cientista entrar na segunda etapa desse processo é uma questão que não aparece nas principais obras do francês — os

motivos não cabem a este estudo investigar, embora nossa hipótese seja a de que o autor não considerava a questão: o cientista tem um papel na divisão do trabalho social, os políticos e ativistas, outro.

Um pensador importante para aprofundar este debate é Pierre Bourdieu, porque traz, com sua teoria do campo e do espaço social, reflexões interessantes acerca dessa dinâmica entre ação e pensamento (Campos, 2022). Para o autor, é improvável dissociar “obra” e “pensamento”, porque o “pensamento puro” não é uma possibilidade. O “pensamento” e a “ação” não são frutos espontâneos do acaso, mas partem da trajetória de um indivíduo, no tempo, pelo espaço social (Bourdieu, 2007b). Talvez o fator mais interessante em Bourdieu seja sua capacidade de distinguir e unificar, ao mesmo tempo, teoria científica e prática política, uma vez que sua sociologia, de certa maneira, o distanciava da ideia de trazer o conhecimento sociológico para a esfera da ação:

O cientista, se não quer transformar a ciência social numa maneira de prosseguir a política por outros meios, deve tomar para objeto a intenção de colocar os outros em classes e de lhes dizer por este meio o que eles são e o que têm que ser (é toda ambiguidade da previsão); ele deve analisar a ambição da visão de mundo criadora — esta espécie de *intuitus originarius* que faria existir as coisas em conformidade com a sua visão (é toda a ambiguidade da classe marxista que é, ao mesmo tempo, ser e dever-ser) — e deve repudiá-la. Ele deve objetivar a ambição de objetivar, de classificar objetivamente, do exterior, agentes que lutam para classificar e para se classificarem (Bourdieu, 2010, p. 151).

Nesta passagem em que o autor se opõe ao que entende como um certo aspecto da orientação marxista de ler a realidade para a construção de uma sociologia científica, fica clara sua propensão em distinguir o papel do cientista e o papel da política, e isso não significa, de forma alguma, que Bourdieu exima o cientista social da ação política, mas um tanto quanto de acordo com Durkheim e Berger, enxerga a pesquisa científica e a ação política como duas fases distintas de um mesmo processo ou como processos distintos que podem se complementar — haveria um barreira, portanto entre a ação política e a pesquisa social, pelo menos no que tange o pensamento desses sociólogos europeus internacionalmente renomados.

Apesar disso, na esfera da ação, Bourdieu se tornou mais ativo durante sua última década de vida, participando mais ativamente de movimentos políticos, discursando para trabalhadores e assumindo uma posição determinante contra o neoliberalismo:

Evidencia-se aqui certa tensão entre a lógica da teoria e a lógica da prática. Suas teorias diziam que tais intervenções eram inúteis e nocivas; mas ele poderia fazê-las com base na suposição de que elas desbloqueariam o debate público, estilizando a

violência simbólica. Em uma análise final, ele fazia crer que seus próprios ataques à ideologia e à consciência eram fracos demais para atingir a profundidade da dominação. No fim, a despeito do que ele mesmo dissera na teoria, Bourdieu não podia senão adotar a ideia tanto do intelectual orgânico, engajado diretamente com seus públicos, como a ideia do intelectual tradicional, falando a partir da tribuna e dirigindo-se à humanidade (Burawoy, 2017, p. 173).

Podemos dizer com certa segurança que os sociólogos brasileiros, vinculados a tradição iniciada por Florestan Fernandes, possuem uma visão um tanto quanto distinta daquelas defendidas por alguns dos principais sociólogos clássicos europeus e dos estadunidenses pós-guerra. Isso porque, ao contrário do que pensa Berger (1986), a sociologia crítica brasileira, levando em consideração a posição da América-Latina no sistema capitalista mundial, estipula que o destino do conhecimento sociológico “[...] não pode ser indiferente ao cientista”, pois “[...] os usos que a sociedade faz ou não faz do produto da atividade intelectual compreendem, mais ou menos decisivamente, o processo de conhecimento” (Ianni, 1989). O autor ainda diz, analisando a sociologia de Florestan Fernandes:

É claro que muitos localizam-se em termos de neutralidade, independência. Esse tipo de intelectual imagina que paira acima do jogo as forças sociais, das injunções. Rechaça, em termos de uma ética científica de inspiração liberal, a vocação política das ciências sociais, do pensamento. Batalha, por todos os meios para manter a sua atividade, a sua produção, isenta dos movimentos da sociedade, das conjunturas históricas (Ianni, 1989, p. 112).

Neste sentido, quase todos professores e alunos entrevistados possuem certa afinidade com parte da tradição fernandesiana, ou seja, de uma ciência que é possível ser ao mesmo tempo científica e engajada com a transformação social. Como já dissemos, a questão da transformação, no entanto, pode ser separada em duas, uma como transformação política revolucionária da sociologia crítica e outra de intervenção racional na realidade social para resolução de problemas práticos e específicos, a qual hoje chamamos mais comumente de sociologia aplicada.

Para concluir o subcapítulo, é de grande importância pontuar a relação, portanto, que a visão prévia de mundo de um sociólogo mantém com sua maneira de enxergar a ciência e desenvolver sua teoria do conhecimento. Como diz Vila Nova (1998): “valores e atitudes constituem, portanto, o material bruto a partir do qual o sociólogo elabora a sua identidade ocupacional, enquanto o paradigma adotado funciona antes como instrumento de racionalização e reforço da identidade”. A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo possui uma tradição voltada para a sociologia aplicada e resolução de problemas práticos, devido a seu

propósito fundacional e influência da sociologia estadunidense. Cabe outra pergunta: essa tradição permanece viva no pensamento sociológico dos professores e alunos da instituição? Veremos.

3.2 Papel da Sociologia e do Sociólogo

Para começarmos essa discussão, temos que levar em conta alguns aspectos importantes. É preciso, inicialmente, entender que o papel da sociologia e do sociólogo não são “definidos” apenas por formulações teóricas ou ideias, mas também respondem às conjunturas e necessidades contextuais (Tanguy, 2012). O papel da sociologia e do sociólogo, portanto, não será apenas aquilo o que sociólogos pensam a respeito disso, do que é ou deveriam ser, mas também compreende o que grupos dominantes e variados esperam que a sociologia e o sociólogo sejam (Vila Nova, 1998). A sociologia está tão sujeita à conjuntura quanto qualquer outra maneira de pensar e produzir o mundo, de forma que as variadas formas do fazer sociológico, incluindo a própria autorreflexão sociológica, não vêm ao mundo simplesmente como uma “opção” feita por teóricos. No caso da nossa investigação, é a própria sociologia que inevitavelmente se propõe a pensar o pensamento social também como produto social. Se, portanto, há uma metassociologia, ela existe porque as condições que forjaram a sociologia também forjaram, igualmente, a sociologia da sociologia e a sociologia do conhecimento (Bertelli; Palmeira; Velho, 1967). Quanto a isso, a sociologia não é exclusiva, pois quase toda área do saber humano, seja científica ou não, se pensa e tenta compreender a si mesma. No entanto, a sociologia, por conta de sua natureza, o faz de maneira muito mais contínua, contundente e profunda:

Uma singularidade da sociologia está em que ela se pensa todo o tempo. No ensino e na pesquisa, o sociólogo é obrigado a defrontar-se com as controvérsias sobre a problemática da pesquisa e as teorias explicativas. À medida que produz ensaios e monografias, a sociologia toma e retoma as controvérsias sobre as perspectivas teóricas, as possibilidades de explicação. O próprio objeto reitera-se e renova-se nesse contexto. Talvez mais do que em outras ciências sociais, essa é uma disciplina que se questiona continuamente, à medida que se desenvolve e modifica (Ianni, 1989, p. 6).

Foi esse questionamento contínuo que nos trouxe aqui para refletir acerca do papel do sociólogo e da sociologia, partindo dessa necessidade intrínseca de pensar e repensar o nosso ofício. Queremos agora identificar as categorias ideais-típicas de análise que obtivemos ao

longo da revisão bibliográfica para que possamos mobilizá-las em seguida em uma análise dialógica com as entrevistas realizadas.

3.2.1 Tipos de Sociologia e de Sociólogos

Após estudo de alguns dos autores que tentaram classificar a sociologia em tipos ou etapas (Burawoy, 2005; Fernandes, 1960; Haguette, 2013; Tanguy, 2012; Vila Nova, 1998), chegou-se a uma tipologia através da qual se guiou a análise das respostas acerca do papel da sociologia e dos sociólogos, buscando referenciar a análise em classificações e categorias já mobilizadas anteriormente por sociólogos, porém organizadas de maneira sistemática. Encontram-se listadas abaixo, primeiramente, o resumo das categorias mobilizadas pelos autores estudados e, posteriormente, a tipologia que optamos por utilizar como ferramenta de análise.

Classificação de Michael Burawoy (2005):

- Sociologia Profissional (acadêmica): trata-se da formulação de teoria sociológica a partir de estudos teóricos e/ou empíricos que pretendem definir, discutir e sugerir as “suposições, teorias, conceitos, questões e problemas” acerca da sociedade, geralmente sustentadas por grupos e linhas de pesquisa específicos com altos níveis de rigor científico.
- Sociologia Crítica (acadêmica): trata-se de debater criticamente e internamente os problemas políticos da sociedade, como questões de raça, gênero e classe, assim como preceitos da própria sociologia, ao refletir acerca de seu papel na sociedade a partir de tomadas de posições morais e de questões como: “sociologia para quem?” e “sociologia para quê?”
- Sociologia Aplicada⁶ (extra-acadêmica): trata-se da sociologia “a serviço de um objetivo definido por um cliente”, ou seja, “seu papel é promover soluções para problemas apresentados” ou “legitimar” soluções já propostas. Esse cliente pode ser público ou privado, alguns com proposições específicas e outros financiando pesquisas mais abrangentes direcionadas a uma agenda.
- Sociologia Pública (extra-acadêmica): trata-se da sociologia que visa adentrar o debate público através da divulgação dos conhecimentos sociológicos produzidos pelos outros três tipos de sociologia. Livros, entrevistas para rádio ou televisão, colunas em jornais, palestras abertas etc., que visam a promoção e a difusão da sociologia em geral.

⁶ O termo original utilizado pelo autor é “policy sociology”, devido a sua definição, optamos por utilizar “sociologia aplicada” ao invés de “sociologia política” ou “sociologia voltada a políticas públicas”.

Classificação de Sebastião Vila Nova (1998):

- **Tradição Retórico-Doutrinária:** trata-se de uma tradição que remonta a fase especulativa da sociologia, que no Brasil vai desde o fim do século XIX até mais ou menos a década de 30 e estava muito presente nas faculdades de direito. Suas formulações são teórico-dedutivas e seu objetivo é antes criar uma doutrina a respeito da sociedade do que a conhecer cientificamente.

- **Tradição Humanística:** trata-se de uma tradição que marca bem os limites entre o conhecimento empírico e o teórico-dedutivo da sociedade, mas não renuncia a “recursos dedutivos e até mesmo intuitivos, quando não artísticos, nas suas análises e interpretações da vida social”. Valoriza-se muito a história como concepção norteadora da explicação sociológica.

- **Tradição Pragmática-Naturalista:** trata-se da tradição desenvolvida pela Universidade de Chicago, que tem como norte central a coleta de dados da realidade empírica destinada a uma aplicação prática, imediata ou não, mas que carrega o pressuposto do rigor empírico como “condição necessária a qualquer desdobramento prático que a pesquisa sociológica possa ter”.

- **Tradição Messiânica ou Profética:** trata-se de uma tradição praticada por aqueles que “acreditam estar moralmente submetidos, enquanto sociólogos, à missão de denunciar as fontes da injustiça social e, por este meio, contribuir para a mudança radical da sociedade”.

Classificação de Lucy Tanguy (2012):

- **Sociologia Empírica:** trata-se da sociologia mais estimulada na França entre as décadas de 1950 e 1960, que nasce da junção de uma aliança entre o alto escalão do poder político e da comunidade científica, para a modernização e o desenvolvimento nacional.

- **Sociologia de Consultoria:** trata-se de uma nova modalidade de sociologia bastante fecunda na França entre as décadas de 1980 e 1990, onde o enfoque era a solução de problemas específicos voltados para dentro das instituições, corporações e empresas, sendo o sociólogo responsável por realizar uma intervenção eficiente em busca de mudanças.

Classificação de Maria Teresa Frota Haguette (2013)

- **Sociologia do Conhecer:** trata-se das formas mais tradicionais e clássicas de pesquisa sociológica que visam conhecer, compreender e explicar os fenômenos sociais a partir de dados empíricos e/ou formulações teóricas coerentes.

- Sociologia da Denúncia: trata-se de um tipo de sociologia que busca denunciar os problemas e as contradições de uma sociedade, com intuito de refletir e informar acerca das questões estruturais, por vezes propondo ou não soluções.

- Sociologia da Ação: trata-se de uma sociologia que utiliza da pesquisa-ação para intervir diretamente na realidade ao coproduzir conhecimento diante das necessidades e questões levantadas pelo próprio grupo estudado.

Classificação de Florestan Fernandes (1960):

- Sociologia Sistemática: trata-se da sociologia que busca explicar a ordem social existente nas relações dos fenômenos sociais “através de condições, fatores e efeitos que operam em um campo a-histórico”. Sua competência é o estudo de elementos estruturais e funcionais que se combinam e produzem efeitos constantes, produzindo conceitos básicos que descrevem ocorrências universais da vida social.

- Sociologia Descritiva: trata-se da sociologia que “investiga os fenômenos sociais no plano de sua manifestação concreta”. Está conectada diretamente com uma investigação empírica e busca compreender os fenômenos sociais “nas próprias condições reais em que eles operam”. Poderia ser chamada de uma sociologia “sociográfica”, que a partir de uma delimitação precisa de tempo e espaço, pode estudar qualquer segmento da vida social. Sua condição é a pesquisa de campo e descrição da realidade empírica, detalhando o máximo possível aspectos microsociológicos de determinado grupo ou fenômeno circunscrito.

- Sociologia Aplicada: trata-se da sociologia que faz uma “investigação especial dos problemas sociais e dos efeitos previsíveis das modalidades de intervenção racional”. Sua competência é a intervenção sobre as condições sociais de existência. “Os conhecimentos fornecidos pela Sociologia Sistemática sugerem que é possível melhorar as condições de ajustamento dos indivíduos às situações sociais de existência”.

- Sociologia Geral ou Teórica: trata-se da sociologia que examina os fundamentos lógicos da explanação sociológicas, suas categorias e modalidades, tipos de pesquisa outros (metassociologia). Busca também sistematizar e unificar as partes possíveis dos conhecimentos teóricos desenvolvidos pelos diversos outros campos da sociologia.

Optou-se, ademais, por classificar os tipos de sociologia da seguinte forma, vinculada às tradições acadêmicas e históricas observadas acima: 1) sociologia teórica, sendo elas – a) *metassociologia*, vinculada aos tipos sociológicos profissional e crítica de Burawoy e a

chamada “sociologia geral” na classificação de Fernandes, incluindo epistemologia, metodologia, sociologia da sociologia e a história do pensamento sociológico; b) *descritiva*, vinculada à sociologia “do conhecer” de Haguette e a sociologia homônima da classificação de Fernandes, cujo objetivo principal é descrever a realidade; c) *crítica*, vinculada a tradição fernandesiana da busca por uma análise comprometida com a sociedade pelo viés das injustiças sociais e desigualdades, assim como a ideia de sociologia da “denúncia” de Haguette; d) *docência*, que embora seja considerada uma ação “prática”, tem a função primária de transmitir teoria; 2) sociologia aplicada, sendo elas – a) *políticas públicas e pesquisa diagnóstica*, quando está voltada para resolução de problemas sociais, principalmente a partir dos governos, seja a nível federal, estadual ou municipal; b) *pesquisa de mercado e diagnóstico privado*, quando presta serviços direcionados aos interesses das empresas, seja lá quais forem; c) *ação-participante*, vinculada tanto a ideia de aplicação dos conhecimentos sociológicos para a transformação da realidade social, resumida por Haguette como “sociologia da transformação”, como também parte da sociologia crítica voltada para uma atitude revolucionária encontrada em Fernandes; 3) sociologia pública, sendo elas – a) *divulgação científica*, a partir da transmissão e tradução dos conhecimentos sociológicos para a população, seja através de livros com linguagem mais acessível, cursos didáticos abertos, colunas em revistas de conhecimentos gerais etc.; b) *engajada no debate público*, quando o sociólogo se coloca em entrevistas, debates, mesas, confrontado ou não, para partilhar suas visões científicas e políticas que contenham fundamentação sociológica.

Não se espera contemplar com essa tipologia todas as formas possíveis do fazer sociológico, nem se pretende debater aqui quais dessas formas se adequam ou não ao que chamamos “sociologia”, uma vez que haverá discordâncias entre tradições distintas e nosso propósito aqui foi somente categorizar a maior parte das ações e direcionamentos que foram em algum momento e dentro de algumas tradições considerados como um fazer sociológico. Com os tipos acima, podemos dar conta de um grande escopo de atividades passíveis de serem consideradas como sociológicas e compará-los com as respostas que os professores e alunos da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo nos deram a respeito das questões sobre o papel do sociólogo e da sociologia, suas funções, possibilidades, deveres e objetivos, tanto cientificamente como politicamente implicados.

3.2.2 Análise e Discussão das Respostas

Quando perguntamos para os professores a respeito do papel da ciência, da sociologia e suas possibilidades de função social, obtivemos às respostas analisadas abaixo:

Professor a: [...] eu acho que a sociologia tem o papel da crítica, vou usar assim como o Chico de Oliveira definia a sociologia, especialmente a sociologia universitária, eu acho, porque daí ele pensava a partir da universidade pública, a universidade pública que então podia fazer financiamentos, formas de fazer pesquisa, enfim, um pouco diferente das ciências biológicas, médicas, físicas, a sociologia podia fazer pesquisas nessa perspectiva crítica, com o papel da crítica, é... acho que é difícil fora da universidade pública fazer isso, mas eu acho que os sociólogos podem ajudar, de forma geral, as pessoas a pensarem.

Vemos aqui uma relação com a sociologia crítica de Burawoy e com a sociologia da denúncia de Haguette. Também, de alguma forma, encarna a tradição messiânica ou profética descrita por Vila Nova (1998), da qual Florestan Fernandes é o grande expoente nacional. Em nossa tipologia, esse fazer sociológico estaria localizado em algum lugar entre a teórica-crítica e pública-engajada. Denunciar as injustiças pode ser a maneira pela qual os sociólogos passam a dar algum valor para sua análise teórica do mundo social, quando não necessariamente estejam comprometidos com as políticas públicas e projetos de intervenção racional. Isso se relaciona com o que diz Bourdieu (2019) acerca do conhecimento sociológico: “[...] da mesma maneira como desnaturaliza, a sociologia desfataliza”, [...] o conhecimento da lei lhes dá uma chance, uma possibilidade de contrariar os efeitos da lei”.

Professor b: O papel da ciência, claro, primeiro deveria ser contribuir para o bem comum, para o bem-estar da sociedade, mas nem sempre o linguajar científico é acessível para as pessoas, e não há outra explicação para isso a não ser que esse fenômeno seja uma relação de poder, de criar uma distinção entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. É aí que acho que está o grande erro do saber científico, a ciência, a ciência moderna, pelo menos, assim como o iluminismo, surgiu para ser universalizada, então deveria ser o papel de todo o pesquisador saber traduzir e transferir esses conhecimentos para a população. [...] o que está claro para todo mundo é que depois da queda do muro de Berlim não tem como a gente fazer revolução porque nós seríamos os primeiros a sermos mortos, enfim, você pode até fazer uma pesquisa e ver que a maioria dos sociólogos não sabem nem pegar em uma arma, e isso é um paradoxo. E que bom que não saibamos, porque a nossa arma simbólica é o conhecimento, e a ideia é muito mais mexer na cultura, mexer no senso crítico das pessoas para que uma transformação da sociedade ela venha com a reflexão e não com a força da violência, eu acho que esse é o ponto, é, então eu acho que a sociologia tem esse papel, em maior ou menor escala, seja porque a gente tem disciplina de elaboração de projetos, não só acadêmicos, mas também sociais, é, o pensamento crítico sociológico inspira os movimentos sociais também.

Discurso um pouco mais agregador entre a “sociologia pública” de Burawoy, a concepção “humanística” descrita por Vila Nova (1998) e a “sociologia da denúncia” de Haguette. Em nossa tipologia, esse fazer sociológico segue concorde em uma relação entre a teórica-crítica e a pública-engajada. O conhecimento é uma arma de transformação da consciência popular, mas só pode alcançar de fato seu público-alvo caso seja capaz de universalização e tradução através de linguagens passíveis de compreensão pela população. O viés humanista fica mais claro quando a transformação é esperada através de meios democráticos e reflexivos ao invés da revolução radical e violenta.

Professor c: [...] a ciência é letra morta se não tiver uma dimensão aplicada. Para ela ter uma dimensão aplicada, ela tem que ter um diálogo direto com a realidade. [...] O que estou querendo dizer é: a ciência não pode ser uma espécie de instrumento de privilégio de uma elite intelectual, que tenta defender sua distinção social a partir da sua capacidade de manejar um linguajar, uma técnica, quase como se fosse um idioma dos deuses — e que, por isso, se autointitula como os únicos com autoridade moral e intelectual para falar sobre a realidade. A ciência social não pode se tornar isso. E para que ela não se torne isso, ela tem que ter um compromisso com essa realidade. [...] E como projeto político a gente vai depender sempre da consciência política, do engajamento e da mobilização dos grupos, sobretudo dos grupos que detêm mais poder e mais condições de atuar na sociologia política, não? Então, eu acho que ela contribui, mas ela jamais transformará de fato, porque ela sempre vai depender dessa atividade política.

Essa resposta se relaciona diretamente com a “sociologia aplicada” de Burawoy e Florestan Fernandes, a “sociologia da ação” de Haguette e a “tradição pragmática/naturalista” de Vila Nova. Em nossa tipologia, essa descrição estaria mais conectada à sociologia aplicada em geral, mais próxima tanto daquela voltada às políticas públicas como ação-participante. O conhecimento não tem função caso não tenha uma dimensão aplicada, mas para que tenha essa dimensão, ele precisa estar em contato direto com a realidade. Essa realidade, fica claro pela continuação da entrevista, é a empírica: “[...] que é onde o senso comum, no jogo jogado da vida, como eu sempre digo, se forma”.

Professor d: A sociologia sendo parte da ciência, ela é parte desse processo de desenvolvimento [...], ela tem um papel muito importante na construção do conhecimento da sociedade, na construção do conhecimento das relações sociais. Infelizmente, a gente vê os jornalistas entrevistando especialistas de muitas áreas e deixando de lado as explicações sociológicas, o que é uma pena, e vão numa explicação psicanalítica ou individualista, ou enfim, de outras áreas do conhecimento, que nem são científicas, e deixam de lado a explicação sociológica, e eu acho que com isso a gente perde a possibilidade de conhecer melhor o que está acontecendo em sociedade.

Uma relação é feita aqui entre as três formas teóricas: “sociologia sistemática” de Florestan Fernandes, a “sociologia da compreensão” de Haguette, a “sociologia profissional” e “sociologia pública” de Burawoy. Sendo assim, caberia à sociologia, como ciência, compreender e produzir conhecimento acerca da sociedade e das relações sociais, para que, em fase posterior, esse conhecimento seja difundido ao grande público que, atualmente, estaria mais informado por explicações de cunho individualista ou de áreas “não científicas”. Em nossa tipologia, essa descrição fica mais próxima de uma relação entre teórica-crítica e pública voltada para a divulgação científica.

Analisando resposta por resposta, a despeito de algumas inclinações distintas dos professores, somos capazes de sintetizar um tipo único mais coerente que pode ser retirado desse todo⁷ (incluindo as tipologias de análise), sem nenhuma grande contradição com qualquer uma das respostas individuais. Resumimos assim: *o papel da sociologia e do sociólogo é o de fazer a crítica social através de conhecimentos que devem ser produzidos tanto teórica como empiricamente, a fim de informar acerca da (e/ou intervir na) realidade social*. Essa síntese, nos parece, é capaz de incluir grande parte das teorias sociológicas que estudamos sem entrar em contradição com nenhuma delas. É claro, satisfaz e elucida a associação fundante “compreender-transformar” que debatemos no início do trabalho, mas também é uma forma de resumir as práticas sociológicas dos (pouco mais, pouco menos) 150 de nossa disciplina.

3.3 Expectativas e Perspectivas de Trabalho

Definir teoricamente o papel da sociologia e dos sociólogos é uma coisa, outra é verificar quais são as ocupações profissionais dos sociólogos na realidade empírica em que nos encontramos. Vemos pela última pesquisa da Associação Nacional de Sociólogos e Sociólogas (2022) que a distribuição ocupacional dos sociólogos brasileiros é a seguinte:

Tabela 1 - Distribuição ocupacional dos sociólogos no Brasil.

| AREA DE ATUAÇÃO | % |
|----------------------------|-----|
| Educação | 31% |
| Docência no ensino médio | 18% |
| Direito humanos (minorias) | 7% |
| Políticas públicas | 7% |

⁷ As respostas dos alunos entrevistados não escaparam de maneira alguma das definições dadas pelos professores, portanto preferimos ocultá-las a título de não estender o trabalho desnecessariamente.

| | |
|--|----|
| Docência no ensino superior | 7% |
| Pesquisa (de mercado/opinião/eleitoral) | 5% |
| Gestão pública | 4% |
| Seguridade | 4% |
| Consultoria/assessoria | 3% |
| Professor | 2% |
| Estudos de impacto ambiental | 1% |
| Trabalho e renda/trabalho técnico social | 1% |
| Assistência social | 1% |
| Igualdade racial | 1% |
| Saúde | 1% |

(Dados: ANASOBR, 2022).

A pesquisa da ANASOBR foi realizada com 531 cientistas sociais que preencheram formulário online entre novembro de 2021 e abril de 2022, entre esses, 52% declararam trabalhar como sociólogo, distribuídos entre as ocupações acima que foram autodeclaradas. Outra informação importante a se destacar é a de que 40% do total de entrevistados possui apenas bacharel, enquanto os outros 60% têm formação em bacharel e licenciatura.

Dos 52% que declararam trabalhar como sociólogos, 58% estão vinculados a educação, setor de maior empregabilidade para essa formação, 27% em setores aplicados ao desenvolvimento humano, 20,7% preferiram não responder e 8% trabalham com pesquisa e análise de dados em setores públicos e privados. O que isso pode nos dizer a luz das expectativas de trabalho dos alunos e das perspectivas dos professores que já estão na área?

Começando com os alunos, perguntamos o que gostariam de fazer como sociólogos e com quais dos tipos mobilizados no capítulo anterior eles se identificavam mais, caso houvesse identificação: a) “[...] particularmente, eu me vejo dentro da academia, trabalhando com a teoria, trabalhando com a leitura, mas também passando essa leitura e essa teoria pra sociedade na forma de aulas”; b) “[...] eu sou mais da aplicada, porém, eu gosto ainda da pública também. Eu acho que a gente precisa de uma linguagem diferente para conseguir uma transformação”; c) “eu quero ficar um tempo trabalhando, por exemplo, com política pública, para ganhar gordura, e aí um dia sentar e falar: não, agora eu quero produzir conhecimento”. Neste caso, cada aluno respondeu a partir de uma perspectiva levemente distinta, embora (a) e (c) tenham

demonstrado maior inclinação para a sociologia aplicada, área que inclui aqueles setores onde 27% dos entrevistados pela ANASOBR se encontram.

Indo para os professores, perguntamos primeiramente quais eram as suas ocupações profissionais atuais e com o que já haviam trabalhado, eles responderam: a) “[...] analista, pesquisador, a gente faz relatórios de análise, de situações, dá assessoria, consultoria, para uma organização, levando conhecimento, inteligência, para pequenas organizações ou prefeituras do interior”; e sobre o que já havia feito: “já trabalhei com muitos assuntos diferentes, da questão ambiental, da questão cultural, políticas de cultura, outras formas de política pública”; b) “[...] eu dou aula de sociologia há mais de vinte anos e faço pesquisas ou trabalhos de assessoria, [...] produção de material, de educação, ou de discussões institucionais e públicas”; c) “além de dar aula, eu tenho uma plataforma de cursos também, faço palestras, monto materiais didáticos, às vezes oriento projetos de alunos que estão no TCC”; d) “[...] como é que eu pago minhas contas, não é dando aula, mas sim trabalhando como cientista social na coordenação ou enquanto consultor em projetos de política pública”.

Posteriormente, perguntamos como enxergavam o cenário profissional para sociólogos que estavam se formando atualmente, quais os principais desafios e possibilidades, eles responderam:

Professor a: É um cenário paradoxal, por que paradoxal? Ao mesmo tempo em que eu vejo a sociologia com um potencial enorme, em que a gente poderia estar trabalhando com todas as áreas possíveis e imagináveis, assim como o psicólogo trabalha em todas as áreas possíveis e imagináveis, levando o olhar psicológico dele para uma empresa, para uma ONG, para seja lá o que for, nós também poderíamos estar fazendo isso, mas nós não fazemos. Por que a gente não faz no Brasil? Em parte, por conta da militância, porque eu sei que a militância vai me dar o resguardo da empregabilidade ligada ao meu partido e ao partido que eu apoio. E há um outro problema também que é o das universidades públicas, porque quando eu tenho a universidade pública, eu não preciso lutar pela outra classe, o resto dos sociólogos que não entraram na universidade pública, então a gente não tem uma regulamentação de carreira. Ah, mas por que uma regulamentação da profissão seria importante? Porque, por exemplo, existem certos procedimentos que só o psicólogo pode fazer e assinar, a gente não tem algo que alguém diga assim: olha um sociólogo que tem que fazer, e quando a gente faz isso a gente está dizendo para a humanidade que o nosso conhecimento não é melhor do que o das outras pessoas para entender ou para validar alguma coisa, quando deveria ser.

Este é um exemplo de uma visão que se encaixa melhor na concepção “aplicada”, tanto nas dimensões práticas de “consultoria/assessoria” como de políticas públicas. Há aqui, também, uma forte crítica a concepção do sociólogo como profeta messiânico que anuncia a

transformação social, e, de certa maneira, uma crítica da sociologia crítica das universidades públicas que, neste caso, produziria sociólogos desinteressados na regulamentação da profissão.

Professor b: [...] se eu pudesse dizer o que é um desafio para o exercício do cientista social e do sociólogo hoje, é ampliar essa sua capacidade de domínio dessas tecnologias, como a inteligência artificial, e ao mesmo tempo ressignificar a nossa relação com as exatas, com os números, com a estatística, com os indicadores. [...] o sociólogo não pode mais ser apenas uma formação teórica e, portanto, voltar para uma lógica apenas ligada ao manejo de conceitos e categorias. Ele precisa também dominar as novas ferramentas, mecanismos etc., de quantificação e de, portanto, análise quanti dessa nossa realidade. [...] O que eu estou te dizendo é que, ao fim e ao cabo, nós também precisamos entender qual é — no exercício da profissão — qual é a natureza pragmática e utilitarista dessa nossa profissão.

Mais uma vez há o predomínio da concepção “prático/naturalista” e “aplicada” das ciências sociais.

Professor c: [...] o futuro do trabalho, infelizmente, com a flexibilização do trabalho, quarta revolução industrial, é que a gente tenha que criar as demandas para a sociedade, esse é um ponto central. Existe um problema em relação às aulas que é inevitável, a taxa de natalidade tá caindo, automaticamente em um futuro próximo as turmas serão menores, ou menos ofertas de turmas, e me parece o que a gente tem que fazer agora é propor cursos, propor projetos na sociedade, projetos de intervenção para resolver problemas sociais, é, trabalhar junto a governos, secretarias, ministérios, porque trabalho tem, a questão é como a gente se insere ou como a gente cria, ou mostra a relevância deles; até quando eu dei uma disciplina para vocês de inovação social, a gente tem que pensar que, o pessoal da publicidade e do marketing, eles são muito eficazes em transformar objetos absolutamente inúteis como necessários, e de certa forma falta ao sociólogo uma certa retórica, é, não que ela seja provida de mentiras, mas uma retórica de convencimento para mostrar como o nosso trabalho é importante, sem ele a gente não entenderia a sociedade e não a transformaria, não é? [...], mas é muito difícil também você conseguir viver bem das ciências sociais. Uma das opções é entrar em faculdades públicas, o salário inicial para quem tem família, filhos em escolas privadas, é difícil de se manter. Eu por exemplo não presto concurso porque eu trabalho em privadas, uma delas paga muito bem, que não é FESP, e se eu entrasse num concurso o salário cairia pela metade.

Resposta não muito diferente das anteriores, demonstrando que, quando começamos a falar da vida prática, da profissão e da ocupação, as abstrações mais filosóficas e humanísticas sobre o que o sociólogo deveria ser, tanto em suas relações mais profundas com a academia, tanto com a política, dão lugar a um realismo de necessidades mais objetivas, fenômeno que comentaremos posteriormente em nossas conclusões.

Professor d: Eu acho que ele não é óbvio, no sentido de que, acho que os jovens, as pessoas mais jovens que estão se formando estão um pouco aflitas, porque a gente tá em uma crise do mundo do trabalho, tem muitas mudanças no mundo do trabalho, então eu acho que isso é um pouco aflito, mas ao mesmo tempo eu acho que a gente deve ver a sociologia bem aberta e inventar um campo de trabalho para a gente, então,

quando eu tô pensando em fazer cartografia de movimentos sociais, ou de questões ambientais na cidade, ou um pouco, nesses trabalhos que eu tenho feito em sala de aula, eu tô com a intenção que os alunos se enxerguem em atividades profissionais nessas experiências todas, como um campo que poderia se abrir, que nós sociólogos nos enxergássemos trabalhando em muitos lugares, nas ONGs, nas associações, nos partidos, na assembléia legislativa, mas também nas experiências de forma geral em que muitas vezes a gente não se vê com... não é tão óbvio que seja trabalho nosso, mas eu acho que a gente deve se apropriar, e abrir o mercado de trabalho para nós, mas eu acho que tem uma certa militância nisso que eu acho que a gente precisa fazer ver que tem um campo bastante alargado, que é possível pensar um campo bastante alargado de trabalho para o sociólogo.

“Inventar um campo de trabalho”, tal como “criar as demandas para a sociedade” e “trabalhar com todas as áreas possíveis e imagináveis”, são elaborações que entram em consonância maior entre os professores em comparação com as outras baterias de respostas, não que estivessem completamente contrárias, mas há algo interessante aqui para pensarmos a respeito.

Professor e: [...] o pessoal valoriza mais esses conhecimentos técnicos, porque é aquilo que se materializa como prática, então. Se você sabe usar sistemas de análise de dados é. Você sabe usar ferramentas de comunicação avançada. Mapa, essas coisas, agora. Quando a pessoa sabe isso e ainda tem uma formação de ciências sociais, aí sim, esse aí fica um diferencial grande. Se a pessoa tem só a formação de ciências sociais, mas não sabe esse conhecimento técnico, acaba sendo, assim, não conseguindo muita coisa, e tem só esse conhecimento técnico, até consegue, mas ele... se não tem esse conhecimento das ciências sociais, se aparece alguém, vai ser essa pessoa vai ter maior capacidade.

Outras estatísticas mais próximas da realidade estudada vão ao encontro do que foi dito acima. Apresenta-se abaixo dois dados relevantes que a “Pesquisa dos Egressos dos Cursos de Graduações – 2018 a 2023” da FESPSP realizou entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025:

Tabela 2 – Egressos da FESPSP que atuam na área.

| Atua na área da Sociologia ? | Freq | % |
|-------------------------------------|------|------|
| Não | 32 | 48% |
| Sim, parcialmente | 25 | 38% |
| Sim, totalmente | 9 | 14% |
| Total Geral | 66 | 100% |

(Tabela e dados: FESPSP, 2025)

Tabela 3 – Resposta para “se houve falhas na formação”.

| | |
|------------------------------|---------|
| Sociologia e Política | 58,21% |
| Não | 20,90% |
| Sim | 37,31% |
| Total Geral | 100,00% |

(Tabela e dados: FESPSP, 2025)

Como podemos observar acima, primeiramente, temos uma divisão próxima do meio-a-meio entre os egressos da FESPSP que atuam na área de sociologia e que não atuam. Não nos cabe aqui uma análise profunda desses motivos, mas considerando que 51% dos alunos de sociologia já trabalhavam desde o início da graduação⁸ e que 51% do total de alunos dos cursos de administração, biblioteconomia e sociologia disseram não ter encontrado emprego na área, podemos concluir ao menos que não tem sido fácil conquistar essas vagas após a formação, além de que talvez não seja tão fácil “inventar” e “reinventar” o papel do sociólogo na sociedade moderna, em vez disso, talvez o sociólogo seja mais “forçado” a se adaptar às demandas pragmáticas do mercado (o que é menos romântico).

A tabela 3, mais elucidativa, mostra que uma parte considerável dos alunos de sociologia da FESPSP (64,09%, para ser exato, considerando os 37,31% dos 58,21%) considerou que houve “falhas” na formação. Quais falhas? 71,5% dos 38 respondentes a essa última questão apontaram: “*faltaram disciplinas no preparo para o mercado de trabalho*”. O que podemos concluir disso?

Vila Nova (1998) e Tanguy (2012) não poderiam ser mais precisos quando afirmam que o papel e função do sociólogo são definidos primariamente por necessidades contextuais e específicas. A educação ainda é a área de maior atuação entre os sociólogos, por ser um setor que necessita de muitos profissionais para dar conta do ensino em escolas e cursos de outras disciplinas que bebem do conhecimento sociológico, seguido das diversas formas aplicadas do conhecimento social para as políticas públicas, depois as pesquisas, consultorias e assessorias muitas vezes para o setor privado. Além disso, os alunos sentem que um dos impeditivos para exercer sua profissão sociológica tem sido a falta de preparo para o mercado de trabalho, que inclui habilidades valorizadas que vão desde metodologias direcionadas para os interesses mercadológicos como o domínio de tecnologias úteis para os institutos e empresas de dados.

⁸ Dados retirados da mesma pesquisa de egressos realizada pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – não especificados se trabalhavam na área ou não, mas provavelmente não.

Isso significa, em termos práticos, que a sociologia acaba, de uma maneira ou de outra, tendo suas atividades científicas e políticas limitadas pela ocupação profissional na sociedade capitalista, ou, colocando em termos mais diretos:

[...] a sociologia é um produto da sociedade burguesa, a definição das expectativas de comportamento que compõem o papel de sociólogo depende diretamente dos interesses das categorias dominantes nessa sociedade, e não do que os próprios sociólogos acham que deve ser o seu papel. Vista de ângulo menos convencional, a história da sociologia pode ser entendida como a trajetória de uma categoria ocupacional tentando definir o seu papel social em confronto com aquelas categorias das quais depende a sua sobrevivência — em última instância, um jogo entre os sociólogos e a burguesia, que, frequentemente, se tem transformado na luta da criatura contra o criador (Vila Nova, 1998, p. 43).

Tal é outro dos tantos paradoxos sociológicos que dificilmente terá qualquer resolução nesses termos. É claro que, como vimos em algumas respostas, nem todos os sociólogos enfrentam as mesmas dificuldades. Àqueles que cumprem com as condições necessárias para garantir sua entrada e permanência em universidades públicas se encontram, de certa forma, em situação um pouco mais vantajosa, de acordo também com o que diz Bourdieu:

Mas a sociologia também pode usar de sua autonomia para produzir uma verdade que ninguém – dentre aqueles capazes de comandá-la ou encomendá-la – lhe pede. Ela pode encontrar em um bom uso da autonomia institucional que o *status* de disciplina universitária lhe assegura as condições de uma autonomia epistemológica e tentar oferecer o que *ninguém* verdadeiramente lhe pede, isto é, a verdade sobre o mundo social (Bourdieu, 2019, p. 50).

Sinteticamente, podemos identificar três grandes funções reais da sociologia até aqui: a científica, a política, a ocupacional. De forma alguma elas são tipos puros, estando interligadas em muitos de seus momentos, mas tendo suas especificidades que geram algum conflito em determinadas situações. Ignorar esse conflito ou ocultá-lo é fugir da questão — embora não haja soluções para essas tensões por conta da própria natureza da nossa área em conflito com a nossa sociedade, refletir sobre elas faz parte ao menos de uma tentativa elucidativa, para evitar maiores confusões.

3.4 Identidade Sociológica

O sociólogo, como vimos, pode ser muitas coisas, exercer muitas ocupações profissionais, estar em diversos espaços e cumprir diversos papéis. Toda essa diversidade de possibilidades é, de alguma maneira, positiva para aquele que se propõe a estudar sociologia, tanto pelo leque de opções que passa a possuir, como pela oportunidade de reinvenção e

adaptação. Tudo isso, porém, pode gerar uma certa “crise de identidade” que podemos observar desde as considerações puramente teóricas até as dimensões mais práticas. Simultaneamente, a sociologia é disciplina universitária e científica, profissão de dimensões aplicadas e, por outro lado, forma de crítica e atividade política. Lidar com todas essas atribuições ao mesmo tempo ou escolher a qual delas dar mais atenção pode causar um certo desconforto existencial.

Vila Nova (1998) nos diz que “A Imaginação Sociológica” de Charles Wright Mills é o primeiro grande produto desse desconforto: “reflexo de uma crise de identidade ocupacional entre alguns dos mais brilhantes sociólogos norte-americanos”. O ensaio de Peter Berger, “Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística”, pode ser considerado outro exemplo, como uma tentativa de desvencilhar o papel do sociólogo daqueles que as instituições e a sociedade tendiam a delimitar em seu contexto. O autor se esforça, desde o início, para dizer o que o sociólogo não é: a) “uma pessoa do bem”, “empenhada em atividades edificantes para benefício dos indivíduos e da comunidade em geral”; b) “um teórico do serviço social”, “criador de teorias que poderão ser usadas, posteriormente, para prestar serviço social”; c) “um reformador social”, “que cria esquemas para aprimorar e melhorar a sociedade ao seu redor”; d) “um coletor de estatísticas sobre o comportamento humano”; e) “um metodólogo que produz incansavelmente modos cada vez mais científicos para analisar a sociedade”; f) “um ser neutro, analista e manipulador das situações sociais”.

Nessas definições negativas, Berger afasta a maior parte das atribuições consideradas ocupacionais para o sociólogo. Nota-se aqui um empenho para demonstrar que ser sociólogo é algo que está para além da ocupação profissional — em certa concordância com Wright Mills —, ou seja, ser sociólogo é uma forma de pensar e olhar para a sociedade, uma forma de curiosidade metódica para tentar compreender quais são as regras que movimentam e definem as relações sociais de determinada sociedade, o que está por trás dessas estruturas ou configurações.

Mas será possível, de alguma maneira, que o sociólogo não se identifique necessariamente com uma ocupação, mas sim como um papel que transcende a prática profissional? Perguntamos para os professores e alunos da instituição, eles responderam respectivamente: a) “[...] eu acredito piamente, que a gente, estando no curso de ciências sociais, não se forma apenas em uma profissão, eu acredito nisso”; b) “é também um certo gosto em poder olhar para as coisas de um modo mais crítico, de um modo mais profundo, e porque não dizer de um modo um pouco mais generoso?”; c) “então, é uma atribuição profissional que exige desse profissional uma forma de enxergar a realidade”; d) “[...] é profissional, mas, sem

dúvida nenhuma, eu sou socióloga em quase todos os âmbitos da minha vida, [...] é uma forma de ver o mundo que vai se conformando com a sociologia”; e) “é uma forma de enxergar a realidade, acho que por tudo aí que eu falei antes, então, acho que tá embutido aí”. Os alunos reforçam: a) “é totalmente uma forma de enxergar o mundo. Eu acho que eu não poderia não ser sociólogo. Eu acho que eu poderia nunca ter estudado sociologia, mas de alguma forma eu ia estar ali”; b) “é uma forma de enxergar a realidade para fora da profissão, eu acho que eu jamais conseguiria ver a sociologia somente como uma profissão, entendeu? Que nem o papel do médico”; c) “[...] eu acho que é uma forma profissional de você exercer a profissão enquanto sociólogo, e sendo um profissional da sociologia, um profissional que sabe enxergar a realidade”.

As respostas são muito significativas e tendem fortemente para a concepção humanística da sociologia. De alguma maneira, podemos dizer que quase todos os entrevistados concordaram, quando perguntados acerca dessa questão específica, com Wright Mills e Berger. Ser sociólogo é mais do que suas ocupações profissionais, embora as envolva. Um aluno chega a dizer que seria sociólogo mesmo que não tivesse estudado sociologia, elevando ainda mais a característica extra-ocupacional e extra-acadêmica dessa disciplina. O fato do papel do sociólogo, de alguma maneira, não ser completamente definido, talvez colabore com uma visão mais filosófica da identidade sociológica, algo que talvez pudesse mudar com a sonhada regulamentação mais dura da profissão? Quem sabe.

4 REFLEXÕES FINAIS E CONCLUSÃO

4.1 Recapitulação de uma Questão Histórica

A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo foi fundada em 1933, com objetivo de formar “personalidades capazes de colaborar, eficaz e cientificamente, na vida política do país”, através de “pesquisas sobre as condições de existência e os problemas vitais de nossas populações” (FESPSP, 1933). A Universidade de Chicago foi fundada 1892 com “ênfase na pesquisa empírica” e em “contribuir cientificamente para a erradicação da injustiça social” (Vila Nova, 1998). Auguste Comte, considerado por muitos o grande idealizador da sociologia, ingressava, 119 anos antes da fundação da ELSP, na Escola Politécnica de Paris, “dedicada à formação científica de excelência voltada para a formação de quadros técnicos para atender a crescente demanda da administração pública e da indústria” (Cancian, 2021). Na prática, a sociologia se desenvolve a partir da convergência de alguns fatores contextuais: as novas

concepções secularizadas do mundo e das instituições políticas; a racionalização das técnicas de controle social e um desenvolvimento do pensamento científico que buscava explicar os fenômenos de maneira causal; as contradições sociais da grande cidade e a necessidade de compreendê-las (Fernandes, 1960). Ela surge e se desenvolve a partir de diferentes polos geográficos que, inseridos em seus próprios contextos, tomam formas diversas de lidar com o fazer sociológico permeado dessa associação fundante “compreender-transformar”. No Brasil, por conta de suas condições específicas, quando passa a se desenvolver como disciplina científica, encarna o choque dessas diferentes formas e produz um tipo próprio sintetizado em Florestan Fernandes: cientista, ativista revolucionário, reformador social e político.

O desenvolvimento histórico da sociologia, do papel do sociólogo na sociedade, passa também por questões contextuais divergentes. Burawoy (2005) e Tanguy (2012) fazem reflexões importantes sobre isso quanto a sociologia estadunidense e francesa. O estadunidense alega que, a partir da década de 1960, a sociologia de seu país fez um movimento à esquerda, produzindo interpretações mais radicais de Weber e Durkheim e incorporando Marx ao seu cânone teórico, o que deu espaço para os estudos de raça, gênero e classe — entre alguns motivos para isso estava a formação de uma nova consciência sobre as desigualdades e contradições que foram explicitadas pelos movimentos populares trabalhistas, feministas e negros.

Na França, as décadas de 1950 e 1960 são muito frutíferas para a sociologia aplicada, o contexto evidentemente é o pós-guerra, onde, diz Tanguy, há um grande esforço coletivo para a modernização e o desenvolvimento econômico, quando, segundo ela, aparece um cenário parecido com “àquele em que o modelo de ciências sociais havia nascido nos Estados Unidos três décadas antes: a cooperação entre pesquisadores em ciências sociais e as elites para orientar políticas sociais”. Ela ainda nos diz que nos anos 1980-90 se desenvolve uma “sociologia do trabalho” que está no centro do interesse do desenvolvimento da época, de forma que o investigador passa a ser visto como interventor na empresa, para resolver problemas como as melhores “soluções” possíveis, levando a sociologia para uma fase de consultoria.

No Brasil, também ocorrem transições — sabemos que nossa sociologia é dividida em diferentes fases que correspondem aos diferentes contextos sociais, mas só o desenvolvimento industrial e o estabelecimento de uma burguesia urbana é que possibilita o surgimento de uma sociologia científica com fins de intervenção racional no desenvolvimento social. Vila Nova (1998) aponta que, com a chegada de Pierson em 1939 até a década de 1950, os estudos de comunidade eram bastante dominantes no Brasil — é com a partida dele e Roger Bastide,

respectivamente em 1949 e 1953, que Florestan Fernandes ocupa o espaço deixado por eles para estabelecer uma predominância do humanismo marxista. Após 1964, por conta da Ditadura Militar e seus desdobramentos para a institucionalização das ciências sociais, esse tipo se tornará dominante entre os maiores sociólogos brasileiros.

4.2 Conclusão

Observamos nas entrevistas com os professores e alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo algumas tendências em relação a forma como parte dessa comunidade enxerga a sociologia em suas formas científicas, políticas e ocupacionais. Essas tendências foram rastreadas historicamente e brevemente debatidas em conjunto com parte da produção teórica canônica da disciplina e outras literaturas específicas produzidas acerca do tema.

Primeiramente, vemos uma tendência a um tipo que poderíamos chamar de *crítica-pública*, onde a sociologia teria o papel de produzir essa análise crítica do social e através dela despertar questionamentos nas pessoas, ou seja, fazer com que as pessoas pensem acerca da sua realidade e desnaturalizem as relações sociais, principalmente as de opressão. Rastreamos essa tendência com a história da sociologia brasileira e a figura de Florestan Fernandes, que nessa junção do pensamento clássico da sociologia (Marx, Durkheim, Weber) consegue fundir elementos importantes das três “correntes” e produzir uma sociologia que dê conta tanto dos aspectos críticos como científicos.

Em segundo lugar, há uma tendência direcionada para a sociologia aplicada, entendida aqui mais no sentido pragmático estadunidense, que poderíamos sintetizar na figura de Donald Pierson e no trabalho da Escola Livre de Sociologia e Política: estudos empíricos, estudos de comunidade, coleta de dados e interpretação de realidades específicas direcionadas a formulação de intervenções racionais (políticas públicas).

Em terceiro lugar, no que tange à dimensão ocupacional, vimos um pensamento mais unânime, direcionado para uma ideia que pode ser sintetizada da seguinte maneira: enxergar as possibilidades da sociologia para além da pesquisa acadêmica e adentrar o mundo do mercado de trabalho a partir de uma qualificação profissional que inclua metodologias de pesquisa quantitativas, domínio das tecnologias e formas modernas de comunicação, capacidade inventiva para ofertar o trabalho sociológico etc., enfim, tudo o que o mercado de trabalho valoriza.

Em quarto lugar, a sobrevivência da tradição humanística da sociologia, esta que é invocada ao pensar o sociólogo como identidade pessoal, ou seja, a sociologia para além das práticas ocupacionais, políticas e acadêmicas, como forma de enxergar e perceber a realidade social de maneira crítica, suspeita e fora do senso comum. Identificamos essa tendência com um repensar da sociologia, principalmente estadunidense, que tentou refletir e redefinir os papéis sociais da sociologia e do sociólogo face a um contexto extremamente pragmático das ciências sociais.

Concluimos que não há um pensamento sociológico homogêneo entre os professores de sociologia da instituição estudada, embora alguns direcionamentos sejam compartilhados de uma maneira ou de outra, sendo eles: 1) a sociologia precisa se comunicar mais com as pessoas, seja em sua dimensão crítica ou aplicada; 2) o sociólogo deve encontrar formas de se adaptar ao mercado de trabalho, descobrindo maneiras de tornar suas habilidades e conhecimentos úteis a realidade contextual; 3) a sociologia tem um papel importante na transformação social, seja através de seu caráter informativo ou aplicado; 4) ser sociólogo é uma forma de enxergar o mundo e de interagir com a vida social.

Acreditamos assim ter captado ao menos parte considerável do espírito sociológico que, se não representa a instituição como um todo, representa os sociólogos que a ela dão vida diariamente. Quanto as respostas para as principais perguntas, aquelas possíveis foram resolvidas ao longo do texto, já para alguns dos paradoxos sociológicos, ficamos satisfeitos em trazê-los para o debate de maneira sincera.

REFERÊNCIAS

- ANASOBR; MAS, Instituto. **Dados inéditos sobre o perfil do sociólogo brasileiro**. São Paulo, SP. ANASOBR. 5 ago. 2022. Apresentação de Power Point. 40 slides. color. Disponível em: <https://www.anasobr.org/pesquisaperfildosociologo>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- ARON, Raymond. [1967]. **As etapas do pensamento sociológico**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia de Florestan Fernandes. **Tempo Social**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 9-27, jun. 2010.
- BERGER, Peter. [1963]. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. [1966]. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BERTELLI, Antônio Roberto; PALMEIRA, Moacir Guilherme Santos; VELHO, Otávio Guilherme. [1967]. *Introdução*. In: MANNHEIM, Karl; MERTON, Robert King; MILLS, Charles Wright. **Sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- BOTELHO, André; BRASIL JUNIOR, Antonio. *Prefácio*. In: FERNANDES, Florestan. [1975]. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Curitiba: Editora Contracorrente, 2020.
- BOUDON, Raymond (coord.). **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude (null). [1968]. **Ofício de sociólogo: metodologia na pesquisa na sociologia**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. [1979]. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. [1977]. **O Poder Simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. [1969]. MICELI, Sérgio (org.). **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. [1980]. **Questões de sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BURAWOY, Michel. For Public Sociology. *American Sociological Review*, 70(1), 4-28, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000312240507000102>.

BURAWOY, Michael; BRAGA, Ruy (org.). **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Unicamp, 2017.

CAMPOS, Névio de. Pierre Bourdieu e a questão dos intelectuais. **Praxis Educativa**, [S.L.], v. 17, p. 1-18, 2022. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.17.20234.056>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CANCIAN, Renato. Augusto Comte revisitado: Positivismo, sociologia e intervenção social. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, n. 00, p. e021015, 2021. DOI: 10.29373/sas.v10i00.15744. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/15744>. Acesso em: 30 jul. 2025.

COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive: tome quatrième**. Paris: Bachelier, Imprimeur-Libraire, 1839.

COMTE, Auguste. [1839]. **Cours de philosophie positive: tome quatrième**. Paris: Librairie J.-R. Baillièrre et Fils, 1877.

COSTA, António Firmino da. Sociólogos: associativismo inclusivo versus fechamento corporativo. **Sociologia On Line**, [S.L.], n. 18, p. 81-87, dez. 2018.

DUBAR, Claude. [1997]. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, Émile. [1925]. **A educação moral**. São Paulo: Edipro, 2018.

DURKHEIM, Émile. [1893]. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Edipro, 2019.

DURKHEIM, Émile. [1897]. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

DURKHEIM, Émile. [1895]. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Folha, 2022.

ENTINI, Carlos Eduardo. *Primeiro curso de Sociologia do Brasil completa 80 anos*. **Estadão**, São Paulo, 14 ago. 2013. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/primeiro-curso-de-sociologia-do-pais-completa-80-anos/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. [2001]. **História da antropologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

EUFRÁSIO, Mário Antônio. A formação da Escola Sociológica de Chicago. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 2, p. 37–60, 1995. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.1995.68042. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/68042>. Acesso em: 30 jul. 2025.

FERNANDES, Florestan. [1960]. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1960.

FERNANDES, Florestan. [1963]. **A sociologia numa era de revolução social**. São Paulo: Nacional, 1963.

FERNANDES, Florestan. [1970]. **Elementos de sociologia teórica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

FERNANDES, Florestan. [1977]. **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. [1978]. **A condição de sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FERNANDES, Florestan. [1980]. **A natureza sociológica da sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO – FESPSP. **Manifesto**. São Paulo, 1933. Disponível em: <https://portal.fespsp.org.br/a-fespsp/manifesto>. Acesso em: 31 jul. 2025.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO – FESPSP. **Pesquisa dos egressos dos cursos de graduações – 2018 a 2023**. São Paulo, 2025. Apresentação institucional. Documento não publicado.

GEERTZ, Clifford. [1973]. **A interpretação das culturas**. 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. [1996]. **Em defesa da sociologia**: ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo: Unesp, 2001.

GOFFMAN, Erving. [1956]. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUILHAUMOU, Jacques. [2006]. **Sieyès et le non-dit de la sociologie**: Du Mot à la Chose. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 15(2), 117-134. <https://doi.org/10.3917/rhsh.015.0117>.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. [1994]. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W; CABRAL, Álvaro (org.). [1956]. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.

IANNI, Octavio. [1989]. **Sociologia da Sociologia**. São Paulo: Ática, 1989.

KANTOR, Iris; MACIEL, Débora Alves; SIMÕES, Júlio Assis (org.). **A Escola Livre de Sociologia e Política**: anos de formação: 1933-1953: depoimentos. 2. ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009.

LIEDKE FILHO, Enno. A Sociologia no Brasil: História, Teorias e Desafios. *Sociologias*, [S. l.], v. 7, n. 14, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5553>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MEAD, George Herbert. **Mente, self e sociedade**: edição definitiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

MICELI, Sérgio (org.). **História das ciências sociais no Brasil**: volume 1. São Paulo: Vértice Books, 1989.

MICELI, Sérgio (org.). **História das ciências sociais no Brasil**: volume 2. São Paulo: Vértice Books, 1989.

MILLS, Charles Wright. [1959]. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). **Revista Brasileira de História**, [S.L.], v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882001000200003>. Acesso em: 30 jul. 2025.

PIERSON, Donald. **Negroes in Brazil**: a study of race contact at Bahia. Chicago, US: University of Chicago Press, 1942.

SCHWARTZMAN, Simon. A sociologia como profissão pública no Brasil. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 22, n. 56, 2010. DOI: 10.9771/ccrh.v22i56.19024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19024>. Acesso em: 29 set. 2024.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**: Marx, Durkheim e Weber. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SIMMEL, Georg. [1917]. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TANGUY, Lucie. A sociologia: ciência e ofício. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 33, n. 118, p. 33-46, mar. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

VIANA, Nildo. Marx e os intelectuais. CSONline - **REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, (16), 2014. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17328>. Acesso em: 15 maio. 2024.

VILA NOVA, Sebastião. **Donald Pierson e a escola de Chicago na sociologia brasileira**: entre humanistas e messiânicos. Lisboa: Vega, 1998.

WEBER, Max. [1921]. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva: volume 1. 4. ed. Brasília: UnB, 2000.

WEBER, Max. [1919]. **Ciência e política**: duas vocações. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

WEBER, Max. [1922]. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Unicamp, 2016.